

# Uma luz sobre o comércio de escravos

*Um projeto da Unesco previsto para durar dez anos reunirá a documentação dispersa no mundo sobre o tráfico negroiro*

O primeiro estudo multidisciplinar sobre o impacto cultural e econômico do tráfico de escravos africanos em todos os continentes envolvidos, foi iniciado recentemente pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco). "Não houve até hoje um estudo definitivo desta questão central na história da Humanidade", afirmou Doudou Diene, diretor de Projetos Interculturais dessa agência da ONU.

A Unesco pretende estudar porque e como se deu o comércio negroiro, já que essa pesquisa histórica nunca foi feita de forma científica, objetiva e sem recriminações. O estudo tampouco pretende servir de base para posteriores reivindicações de indenizações econômicas.

O programa, que se realizará ao longo de dez anos, reúne historiadores, economistas e outros especialistas para examinar tão amplamente quanto seja possível os efeitos do tráfico de escravos através do oceano Atlântico, analisando também o que ocorreu através do Saara e do oceano Índico.

A Unesco pretende unir esforços já realizados no México, Senegal, França, Grã-Bretanha e outros países, ajudan-

do a manter abertos e preservar os arquivos já existentes e preparar material didático.

M.L.Sedat Jobe, responsável pelo projeto sobre o tráfico de escravos, disse que dentro dessa iniciativa, a Unesco ajudará também a recuperar importantes sítios culturais, como centros de comércio de escravos e memoriais. Algumas cidades européias, como Liverpool, na Grã-Bretanha, Nantes e Bordeaux, na França, que tiveram um papel importante no tráfico, estão também promovendo exposições e debates sobre o tema.

O comitê científico da Unesco decidiu colocar ênfase no comércio de escravos através do Atlântico, entre outros objetivos, para promover a pesquisa da história oral, inventariar fotografias para sua exibição e estabelecer uma rede de comunicação entre os pesquisadores que em diferentes partes do mundo estudam esse processo.

**Falta de especialistas** - Pascal Blanchard, historiador e membro da Associação Francesa para o Conhecimento da História Africana Contemporânea, questiona, porém, a necessidade de se destinar fundos internacionais e

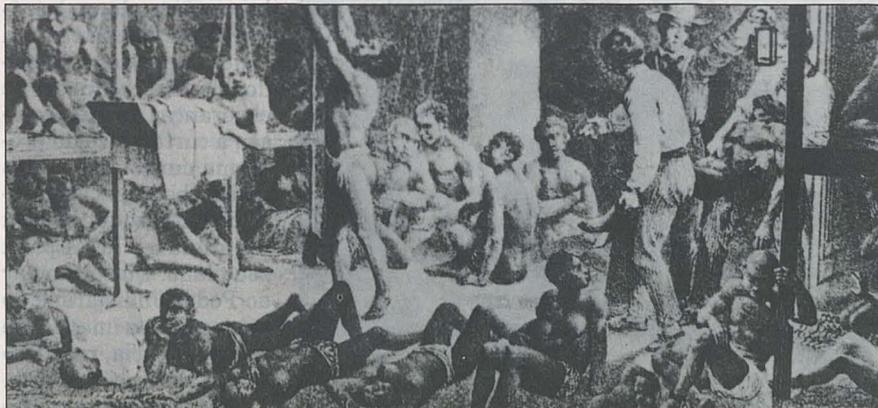
esforços burocráticos para este objetivo. "Não devemos esquecer que o comércio de escravos é um dos temas mais estudados da história. Os europeus estão pesquisando o assunto há 50 anos e os africanos há cerca de 20 anos", assinalou.

Blanchard pondera que, enquanto o tráfico através do Atlântico tem sido amplamente estudado, as nações árabes têm relutado em patrocinar pesquisas semelhantes sobre o comércio realizado através do Saara. "Existem dez séculos de história africana sobre os quais praticamente não há especialistas", lembra. "Líderes da mesma importância que Carlos Magno nunca foram objeto de nenhum estudo. As pessoas sabem o que é o escravismo, mas nada sabem a respeito do império do Mali", afirma Blanchard.

**O legado cultural** - Por sua vez, Agustín Gatera, que chefiou um programa de 20 anos da Unesco para redigir uma História Geral da África em oito volumes, assinalou que o projeto sobre o tráfico de escravos é uma extensão natural desse trabalho. Esta História Geral produziu um volume separado sobre o escravismo, e os historiadores recomendaram prosseguir o estudo desse comércio e, em particular, das suas conseqüências culturais.

Na América, os descendentes de escravos são "uma minoria do ponto de vista demográfico, mas uma maioria do ponto de vista cultural", enfatizou Gatera. "Eles contribuíram para criar as maiores inovações musicais do século XX, como o jazz, o blues e o rock". Para Gatera, o comércio de escravos foi uma experiência terrível, mas teve aspectos positivos no intercâmbio cultural. "Esse intercâmbio continua até hoje: jazz, blues e rock retornaram à África", lembra.

O historiador assinala que às vezes as pessoas esquecem a importante contribuição que a diáspora teve na libertação da África. Na sua opinião, não se pode deixar de considerar "o papel desempenhado pelos negros americanos no processo de luta contra o *apartheid* na África do Sul, ou a contribuição do líder pacifista Martir Luther King para a reabilitação da personalidade e da auto-estima dos africanos que estudam na Europa e América".



**Escravos num navio negroiro: a Unesco fará um amplo estudo desse comércio**

<sup>1</sup>O Império do Mali foi um dos grandes centros culturais e comerciais da África antes da ocupação européia no século XIX